Parque da Cidade

City Park

Porto.

Um Éden de Bolso

A Pocket Size Eden

Mário Cláudio

Conceber o Porto sem o litoral atlântico, e sem o Parque da Cidade, equivaleria a subtrair-lhe o azul e o verde, ocasionalmente esbatidos pela neblina, que lhe desenham o rosto, e lhe conferem o espírito. Acréscimo recente a um povoado que nem sempre conviveu de forma pacífica com o espaço vegetal, o Parque transformar-se-ia em imprescindível horizonte da vida quotidiana, e simultaneamente em organismo do equilíbrio físico-emocional dos seus habitantes, e em esplêndido cenário da fruição dos sentidos.
Trata-se de um relógio infalível da roda das estações, a testemunhar a vocação de um burgo que nunca se despediria da sua idade rural. E por essas casas de pequena lavoura, servidas por adegas, lojas e estábulos, terão passado as legiões de Soult, quem sabe se não perpetrando as épicas malfeitorias que a tradição lhes assacou.
Mas como registo dos sete dias da Criação é que a grande mancha verde do Parque da Cidade iria implantar-se, acolhendo e ilustrando os bichos da terra, da água, e do ar, e o ser que, talhado à imagem e semelhança de Deus, se mostra afinal capaz de colher o fruto sazonado da reinvenção da Natureza.

Conceiving Porto without the Atlantic coast, and without the City Park, would be equivalent to subtracting its blue and green, which occasionally blurred by the fog, defines and gives this city its spirit. A recent addition to a town that had not always coexisted peacefully with its green space, the park would become an essential horizon of everyday life, and simultaneously an organism of physical and emotional balance of its inhabitants, as well as a splendid setting for the pleasure of the senses.
A faithful watch to the changing of seasons, bearing witness to the tendency of a Bourg that would never be stripped of its medieval age. Through which its small farm houses, with its cellars, shops and stables, may the Soult legion have passed through, possibly perpetrating epic evil deeds which history has held them for.
But as evidence of the seven days of Creation, the vast green area of the City Park would be embedded, welcoming and portraying, the creatures of the earth, water and air, and the being, carved in God's image, who demonstrates, after all, to be capable of harvesting the ripe fruit of the reinvention of nature.

Foto Aérea Aerial view 1965

Parque da cidade

HISTORIAL

A ideia de criar um Parque da Cidade do Porto remonta ao início do Séc. XX.
A 26 de Novembro de 1926, o Senhor Vereador Dr. Sousa Rosa submete à apreciação da Câmara Municipal do Porto a planta de demarcação e o mapa cadastral das propriedades reservadas para o parque da cidade pondo em prática uma estratégia de gestão fundiária que tornou possível realizar esta obra.
Ezequiel de Campos (1874-1965) deu um contributo relevante para focar o propósito político e urbanístico de dotar a cidade de um parque urbano fazendo notar que a cidade para além dos seus jardins públicos necessitava de um parque. No seu Prólogo ao Plano da Cidade do Porto de 1932, Ezequiel de Campos descreve: "os parques são tão necessários na vida urbana como os elementos de trabalho — para todas as camadas de gente e para todas as idades".
Os diversos Planos Urbanísticos da cidade, não dominavam o conceito de Parque Urbano nem o de Marcello Piacentini, nem o de Giovanni Muzio dos anos 40. O plano de Almeida Garrett de 1952 classificava o espaço do parque como " zona desportiva municipal" e o Plano de Robert Auzelle de 1961 mistura o parque com a feira de exposições.
A 7 de Agosto de 1945 a "Comissão de Estudo da Valorização Turística da Foz-do-Douro" considera o Parque da Cidade "como inexequível" embora reconheça que a ser financeiramente possível a existência do parque seria "um índice insofismável de cultura e civilização".
A localização do Parque e a reserva dos cerca de 80 hectares de terreno para esse fim resultaram de um processo visionário e evolutivo, que teve as suas vicissitudes mas terminou com um resultado feliz.
Esta localização foi, seguramente, influenciada pela extensão da mancha de terrenos rústicos livres e, porventura, também pelo facto destes serem lameiros, onde a construção era problemática.
Desde 1926 que se sedimentou na consciência pública da cidade a ideia visionária de um parque para o sítio onde ele atualmente se encontra. Inicialmente uma pequena mancha de pinhal, com o seu rudimentar campo de futebol foi assiduamente utilizado, e tomado como símbolo e referência do desígnio de construir o Parque da Cidade sendo lhe dada sempre esse nome. O propósito de transformar estes terrenos num grande parque tornou-se uma vontade partilhada, expressa e assumida no imaginário da cidade.
Em 1981, o Arq. Artur Andrade então vereador da Câmara Municipal do Porto, sob a presidência de Alfredo Coelho Magalhães, propõe que se iniciem os estudos com vista à realização do Parque da Cidade nos terrenos que, em parte, lhe estavam destinados na zona de Aldoar pelo Plano Diretor da Cidade de 1961.
À partida os terrenos apresentavam-se ocupados por um mosaico de lameiros, campos de semeadura abandonados, um choupal plantado nos anos trinta, uma mancha de pinhal, uma lixeira a céu aberto – que funcionou até ao fim dos anos oitenta – e ainda edifícios de um núcleo rural em estado de quase ruína. Todo este conjunto apresentava-se como um espaço degradado, com usos deslocados, à espera de renovações e reconversões conducentes à sua justa integração no tecido urbano da cidade do Porto.
A Câmara Municipal do Porto promove então, a realização de um estudo sobre a História dos Parque Urbanos que é cometido a uma equipa da Universidade Técnica de Lisboa.
O Professor Manuel da Costa Lobo dirigiu a investigação urbanística, o Professor e Arq. Pais. Sidónio Pardal foi encarregue de coordenar a conceção e o projeto de execução do Parque da Cidade, reunindo uma equipa multidisciplinar onde participaram especialistas convidados como o Professor Lynn Miller (história da arquitetura paisagista), o Professor James Detuerk (ilustrador de ideias de paisagem), o Professor Azevedo Gomes (engenharia florestal), entre outros.
Em Março de 1984 são expostos na Casa do Infante os resultados do estudo de investigação sobre a história dos parques urbanos e Sidónio Pardal apresenta o projeto da primeira fase do parque.
No catálogo desta exposição de 1984, sob o título "As Catedrais Abertas", podia ler-se: "Na cultura dos povos também há lapsos de

City Park

BACKGROUND

The idea to create a City Park in Porto dates back to the beginning of the 20th century. On 26th November 1926, Councillor Sousa Rosa submitted to the Porto City Council the boundary delineation map and the cadastral map of the area for the city park, using a strategy of land management, which enabled its accomplishment.
Ezequiel de Campos (1874-1965) made a relevant contribution which focused on the importance of the political and urbanistic purpose of providing the city with a park in addition to its public gardens. In his Prólogo ao Plano da Cidade do Porto of 1932, Ezequiel de Campos describes: "The parks are as necessary to city life as are work elements – for people of all segments and of all ages".
The various Urban Development Plans did not refer to the concept of City Park which was the case with Marcello Piacentini and Giovanni Muzio's plan in the 40s. Almeida Garrett's 1952 plan classified the park area as a "municipal sports zone" and Robert Auzelle's 1961 plan merges the park and an exhibition fair.
Although the "Comissão de Estudo da Valorização Turística da Foz-do-Douro" (Commission for Tourism Development in Foz-do-Douro) classified the City Park as "unfeasable" on the 7th of August 1945, it did acknowledge that on being financially practicable, it would be "a clear sign of culture and civilisation".
The Park's location and the acquisition of the nearly 80 hectares for this purpose are a result of a visionary and evolutionary process, which in spite of its vicissitudes had a successful outcome.
The extent of available land made up mostly of blogs, which would hinder construction, was a determining factor for the park's location.
Since 1926 public awareness of the visionary project of a park in this location was raised.
Initially a small pine forest with a rudimentary football field used assiduously, stood as a symbol and reference for building the City Park; name it has always been referred to. The intent to transform this land into a large park became a shared will and was present in the city's collective imaginary.
In 1981, architect Artur Andrade, at the time a Porto City Councillor, with Alfredo Coelho Magalhães as Mayor, proposed that studies be initiated to build the City Park within the area already reserved for this purpose in the Aldoar zone, as provided for in the City Master Plan of 1961.
This area was initially made up of a patchwork of bogs, abandoned farm fields, a poplar tree stand planted in the thirties, a pine tree stand, an open landfill – operational until the late eighties – and a cluster of rural buildings in near ruins. This whole area was degraded, with displaced elements, requiring renovation and restructuring in order to be integrated into Porto's urban setting.
The Porto City Council promoted the development of a study on the History of Urban Parks, which was assigned to a team of the Technical University of Lisbon. Professor Manuel da Costa Lobo headed the urban planning research, and Professor and Landscape Architect Sidónio Pardal was responsible for coordinating the conception and implementation of the City Park, bringing together a multidisciplinary team and also counting on the participation of invited experts such as Professor Lynn Miller (history of landscape architecture), Professor James DeTuerk (landscapes illustrator), Professor Azevedo Gomes (forest engineering), among others.
In March 1984, the study results on the history of urban parks were displayed at Casa do Infante, and Sidónio Pardal presented the project for the Park's first stage.
The exhibition's catalogue of 1984, entitled "Open Cathedrals," stated: "In peoples' culture there are also memory lapses, and forgotten information which centuries later give rise to sudden 'renaissances', inspiring modern and avant-garde tendencies."
The Park's concept presented in this exhibition was understood by local politicians, with Paulo Vallada as Mayor, and the political will to build the City Park is assumed, marking the beginning of an arduous and, to some extent, experimen-

memória, informações esquecidas que séculos depois dão «renascimentos» fulgurantes, inspirando modernidades e vanguardas."
O conceito de Parque apresentado nesta exposição é compreendido pela Câmara Municipal do Porto, sob a presidência do Sr. Eng. Paulo Vallada, e é assumida a vontade política de construir o Parque da Cidade dando-se início a um processo de trabalho difícil e, em parte, experimental nas práticas do urbanismo e da arquitetura paisagista em Portugal.
Saliente-se que na arquitetura dos parques urbanos, deu-se uma espécie de eclipse histórico. Depois de um período grandioso em que se construíram grandes parques, catedrais abertas, as «grandes máquinas pensantes», assim foi no século XIX, repentinamente esta prática apaga-se e limita-se à jardinagem decorativa. Os parques passaram a ser zonas verdes dos planos de urbanização, sem um entendimento preciso da sua função e utilidade, e o nível estético da arquitetura paisagista produzida sofreu um acentuado declínio.
Nestas circunstâncias, o desafio de projetar o Parque da Cidade do Porto exigia o reencontro com as teorias dos mestres da Escola Paisagista Inglesa, com os paraísos sublimes de Pückler e necessariamente com os ambientes pastoris de Olmsted.
Sidónio Pardal observa que "Não foi sem desconfiança que tive de enfrentar o facto de se apresentar com plena atualidade o conceito de parque desenvolvido em Birkenhead, Branitz, Muskau e no Central Park de Nova York, obras construídas há mais de cento e cinquenta anos." Estes conceitos foram submetidos "a cerrada crítica metódica, avaliando a eficácia destas obras pelo seu poder de sobrevivência e utilidade prática nos dias de hoje."
"Depois do período de estudos, visitas aos parques de referência e debates, houve uma pausa, um retiro de reflexão e de distanciamento do turbilhão de informações, para, de seguida, se dar início ao desenho e à execução do Parque. A conceção de uma paisagem destas no concreto é um exercício solitário de procuras, de tentativas e de escolhas, onde prevalece a intuição e a subjetividade do autor."
Em 1985 – O Executivo Municipal atribui ao Senhor Vereador Eng. Carlos Brito a condução política do processo do Parque Urbano que estabelece uma estratégia de gestão e ficando assente que a execução do Parque seria gerida por uma estrutura administrativa própria. Avançou também com o processo de gestão fundiária dos terrenos necessários à construção do Parque e que ainda não estavam na posse do município.
Para pôr em prática o modus operandi da obra, foi necessário criar, dentro dos serviços municipais, um gabinete técnico próprio incumbido exclusivamente de tratar do Parque da Cidade, considerando as características e dimensão da tarefa, e a exigência de uma atenção permanente, informada pela experiência colhida durante a execução da própria obra.
A instalação efetiva do gabinete do Parque só vem a ocorrer em 1988, sob a presidência do Dr. Fernando Cabral Monteiro (1928-2008), ficando provisoriamente a funcionar longe do Parque, o que criava dificuldades operacionais. Por outro lado, não eram ainda claros os procedimentos administrativos dentro do aparelho municipal, no que diz respeito às competências deste gabinete para lançar e coordenar as diversas empreitadas para a construção do Parque.
Em 1989, em resultado das eleições autárquicas, a responsabilidade política do Parque ficou a cargo do Senhor Vereador Eng. Orlando Gaspar, sob a presidência do Dr. Fernando Gomes. Orlando Gaspar mostrou, logo nos primeiros dias do seu mandato, um grande interesse em inteirar-se em pormenor do projeto do Parque e compreendeu a dimensão urbanística do empreendimento e o seu efeito na estrutura da cidade, assumindo a sua realização como um desafio político, que, embora unanimemente partilhado por todos os autarcas da cidade desde 1981, era agora também um desafio pessoal.
Em 1990, a Câmara Municipal, acertadamente, nomeou o Eng. Francisco Sendas, como Diretor do Gabinete do Parque, com a incumbência de interpretar o projeto atendendo às orientações do seu autor, de coordenar a gestão, de preparar as diversas empreitadas, de dirigir a fiscalização da obra e, ao mesmo tempo, de organizar e implementar os trabalhos rotinados de conservação, tarefas que cumpriu de forma brilhante.
A ele se deve, um paciente trabalho ao longo de décadas, viabilizando uma metodologia de projeto singular, de desenho pragmático assistido semanalmente pelo autor Sidónio Pardal com quem cultivou uma excelente relação de equipa. O rigor da gestão financeira da obra, o sentido de economia e de poupança de recursos, traduzido, por exemplo, na forma como foram obtidas, gratuitamente terras para a modelação do parque e partidas de pedra de cantarias de granito provenientes de demolições, constituiu um contributo relevante sem o qual teria sido difícil conseguir meios para construir todos os elementos de pedra que marcam indelevelmente a imagem do Parque da Cidade.
O sentido visionário do projeto, a transformação profunda da paisagem – necessária para esta parecer natural – e o carácter artesanal e artialisé da obra impuseram uma cadência lenta, contrária à necessidade de apresentar resultados imediatos. Este andamento foi compreendido e aceite como inerente à própria lógica construtiva das paisagens de um Parque Urbano.
Em 2002, com cerca de 70% do Parque já concluído, agora sob a presidência do Senhor Dr. Rui Rio e no pelouro confiado ao Senhor Vereador Eng. Rui Sá, a política para o Parque mantém a orientação programática, merecendo toda a atenção e empenho do executivo municipal. O gabinete do Parque recebeu instrução para continuar a obra, prosseguindo a programação e a filosofia, avançando para a quinta empreitada da segunda fase, a qual fechou a contenção do terceiro lago e concluiu o circuito das estadias ao longo do caminho no topo poente do Parque. Preparou-se também o projeto para a recuperação da pequena zona desportiva original, que passou a ter uma relação de conexidade com o Parque, à semelhança do que sucede com o Pavilhão da Água. Trata-se de elementos que, estando integrados na unidade territorial do Parque, constituem, funcionalmente, estruturas quase paralelas.
Em resultado das eleições autárquicas de 2005, mantém-se a presidência do Dr. Rui Rio e a responsabilidade política do Parque é assumida pelo Vice-Presidente, Dr. Álvaro Castello-Branco que afirmou:
"O Parque da Cidade conquistou um lugar entre as obras identitárias do Porto, integrando-se no universo dos valores que a população estima e dos espaços que gostamos de ter e de utilizar."
Merece ser sublinhado o facto de, ao longo de todos estes anos, sempre que se constituiu um novo corpo autárquico, terem sido expostos o projeto do Parque da Cidade e a sua filosofia, acompanhados de uma resenha histórica sobre os parques urbanos. Assim se garantiu uma linguagem comum, entre o corpo técnico e o poder político, alicerçada no conhecimento do conceito de parque urbano e das suas referências históricas. ■

tal process within urban planning and landscape architecture in Portugal.
The architecture of city parks also experienced a historical lapse. Its grand period in the 19th century marked by the creation of large parks, open cathedrals, the 'great thinking machines' was suddenly limited to ornamental gardening. Parks then became green areas integrated in the urban development plans, lacking a precise function and utility, and the landscape architecture aesthetics suffers a sharp decline.
Under these circumstances, the challenge of designing the Porto City Park called for rediscovering the masters of the English Landscape School, such as Pückler's sublime paradises and Olmsted's pastoral scenery.
Sidónio Pardal states that "It wasn't without suspicion that I had to face the fact that the concept of park developed in the Parks of Birkenhead, Branitz, Muskau and New York's Central Park is amazingly modern even though they were designed over one hundred and fifty years ago." These principles were submitted to a "methodical analysis, evaluating their effectiveness and through their power of survival and their practical utility in our times."
"After the period of studies, visits to reference parks and critical and speculative discussions, a pause was made. This was a moment for clear contemplation away from the whirlwind of information before embarking on the task of designing the Park's layout. Creating a unique park landscape is a solitary quest, a process of trial and error and of choices in which the creator's intuition and subjectivity prevail."
In 1986 – Councillor and engineer Carlos Brito, appointed to the role of the City Park's political coordination, developed a new management strategy in which the Park building operations would be managed by an autonomous entity. In addition, his land management project enabled the acquisition of the necessary land for the park, most of which was not yet estate of the municipality.
To implement the modus operandi of this project, it was necessary to create, within the city council, a technical office exclusively in charge of handling the City Park. This was necessary due to the characteristics and size of the project and the need for ongoing supervision based on the know-how acquired during the implementation.
The Park office was only set up in 1988 under the management of Mayor Fernando Cabral Monteiro (1928-2008). The office was temporarily housed in a building far from the Park, which created operational problems. Moreover, the city council had not clearly defined the administrative procedures concerning the powers of this office to launch and coordinate the various projects for the construction of the park.
In 1989, after elections, Councillor and engineer Orlando Gaspar was appointed to the role of political management of the Park, now with Fernando Gomes as Mayor. The councillor took an immediate interest in all the details about the Park's project and understood the scale of this project and its impact on the city structure. Assuming its achievement as a political challenge that was unanimously shared by all local politicians since 1981, it was now also a personal challenge.
In 1990 the City Council appointed engineer Francisco Sendas to manage the Park office, whose brilliant work amply justified the choice. He was responsible for interpreting the project according to the author's guidelines, coordinating the management, managing the various contract works, supervising work inspection, and, at the same time, establishing and implementing routine conservation work.
His untiring work over decades enabled a unique project methodology of pragmatic design, weekly supervised by the author Sidónio Pardal, with whom he developed excellent teamwork. He implemented a highly effective cost cutting policy through which, for example, land for the park's area and granite ashlars' stone coming from demolitions were obtained for free. Without this contribution, it would have been extremely difficult to obtain all the stone pieces that indelibly shape the City Park's image.
The project's visionary sense, the immense landscape transformation-necessary to make it seem natural- and the rustic and artialisé look of the work could not be rushed to completion, contrary to the need to produce immediate results. This construction pace was understood and accepted as part of the construction method of an urban park.
In 2002, about 70% of the Park had already been completed, now with Rui Rio as Mayor. The work, which maintained its pragmatic orientation, was entrusted to engineer Rui Sá and continued to merit the municipal council's support and commitment. The Park office was instructed to continue the work whilst maintaining the same scheduling and policy.The work advanced to the fifth contract of the second phase which enclosed the third pond and completed the circuit of resting spots on the road along the Park's western border. A project was also drafted to recover the small original sports area, which is now connected to the Park, a policy also applied to the Water Pavilion. These elements which are integrated in the Park's area, pose as functionally parallel structures.
Rui Rio was re-elected in 2005 and the Park's political supervision was assigned to the Deputy Mayor Álvaro Castello-Branco, who stated:
"The City Park has conquered a place among the works shaping Porto's identity, becoming part of a universe of values held dear by its population and is one of the places we like to have and use."
It is worth pointing out that over the last years, the City Park and its policy alongside with a historical overview of city parks, have been taken into consideration by each new local government. This posture has safeguarded the understanding between technical staff and politicians based on knowledge of the city park's concept and its historical references. ■

Uma das "100 Obras de Engenharia Civil no Século XX" em Portugal".

One of "Portugal's 100 Civil Engineering Works of the 20th Century".

RB
10
RB
28
H
H
H

Foto Aérea Aerial view 2008

A arquitetura dos parques

REFERÊNCIAS HISTÓRICAS

A ideia de arquitetar paisagens estruturadas em parques surge no século XVII com Vaux-Le-Vicomte, da autoria de André Le Nôtre (1613-1700), que, num momento de inspiração, rompe com as tradições e escalas associadas ao jardim. Cria uma nova forma de ver o território, integra o infinito na paisagem, conferindo-lhe uma monumentalidade até então nunca vista.
No início do século XVIII, Bridgeman liberta-se do jardim e dos seus limites e trabalha a escala do parque, desdenha a simetria e os contrapontos óbvios, valoriza a forma natural das árvores e dos arbustos. Desenvolve os caminhos com traçados curvilíneos explorando o ondulado natural do terreno e observando que "o bom gosto evita despesas" e cultiva a simplicidade.
William Kent (1685-1748) consciencializa as ideias do movimento romântico aplicados à arquitetura da paisagem.
O conceito do belo natural inspira o desenho do Parque de Stowe que vem a ser acabado por Lancelot Brown.
Brown (1716-1783) cria as suas paisagens explorando as potencialidades do sítio, da sua estrutura geomorfológica mas sem se submeter a ela, cultivando uma harmonia que se inspira numa sofisticada simplicidade.
As paisagens de Brown têm uma lógica que se aproxima do ordenamento do território.
A obra de Brown é precursora e inspiradora de Humphry Repton (1752-1818), não só no campo prático, onde realiza um vasto conjunto de obras-primas que sobrevivem com uma atualidade surpreendente, mas também no pensamento estruturado que deixou nas suas publicações consolidando o que ficou para a história como Escola Paisagista Inglesa.
Repton trabalha a paisagem à escala global.
O sentido útil associa-se ao belo natural, os espaços agrícolas, silvestres e silvo pastoris conjugam-se com a idealização arquitetónica à escala da paisagem.
Quando as obras de Brown são criticadas na imprensa da época como "monótonas" por quem não compreendia a estética sublime da sua simplicidade minimalista, Repton veio em defesa de Brown, entretanto já falecido, demonstrando sensibilidade e capacidade de compreensão da obra do mestre, do qual se considerava discípulo.
Até ao século XIX, os parques foram desenvolvidos no âmbito de grandes propriedades privadas. Só nos meados do século XIX surge o conceito de parque urbano como espaço público criado de raiz, assumido como um elemento de composição do tecido urbano. Contudo, as origens próximas do parque urbano estão nas ideias sobre a paisagem que agitaram a cultura europeia nos séculos precedentes.
A cidade industrial desenvolve uma nova consciência da organização social do espaço, com o contributo dos movimentos higienistas e sanitaristas. Esta consciência foi determinante na decisão de se criarem parques urbanos construídos de raiz, no contexto do planeamento de novos bairros. O primeiro parque urbano projetado e construído como tal foi o Victoria Park, em Londres.
O seu projeto, da autoria de James Pennethorne (1801-1871), data de 1841 e surgiu como resposta aos problemas urbanos de uma zona muito congestionada da cidade.
Mais feliz foi Paxton (1803-1865), ao construir o segundo parque urbano, o Birkenhead Park, localizado perto de Liverpool. Paisagista eclético, um pouco influenciado pelos estilos decadentes do picturesque, mas sensível às virtudes do landscape gardening reptoniano, Paxton foi também notável engenheiro e arquiteto, autor do célebre Crystal Palace para a exposição mundial de 1851, em Londres.
Profndo conhecedor e admirador da obra de Repton, o Príncipe Hermann von Pückler (1785-1871) é um dos mais brilhantes e geniais arquitetos paisagistas com obras notáveis, como os parques de Branitz e Muskau, duas das mais belas e sublimes obras da arquitetura paisagista universal onde a estética da paisagem é levada ao absoluto.
Sobre o conceito de paisagem, Pückler sustenta que (...) A ideia-mestra criadora deve reconhecer-se em todos os detalhes (...) Um parque e um jardim são duas coisas muito diferentes: o facto de estas diferenças não serem quase nunca convenientemente observadas é, porventura, um dos principais erros subjacentes ao planeamento e projeto da paisagem (...)
O parque deve possuir a expressão da natureza selvagem e da paisagem em si.
A obra de Alphand (1817-1891) centra-se no grande plano de renovação de Paris, onde, sob a administração de Haussmann (1809-1891), foi responsável pelas promenades publiques, concebidas como um sistema que tinha no topo o bosque parque. O seu pensamento é marcado por um pendor iconoclasta e mostra não ter compreendido a descoberta da paisagem levada a cabo por Le Nôtre. Na sua obra L'Art des Jardins, refere com detalhe a obra de Pückler e de Olmsted, mas, curiosamente, não há nenhuma referência a Repton. De qualquer modo, o trabalho de Alphand está profundamente ligado a grandes inovações no urbanismo e na engenharia, nomeadamente na vertente sanitária. O desenho dos seus parques e jar-

Parks' architecture

HISTORICAL REFERENCES

The idea to outline the scenery in parks emerged in the 17th century with Vaux-Le-Vicomte, work by André Le Nôtre (1613-1700). Following a moment of inspiration, Le Nôtre discarded all traditions and scales associated to gardens. He created a new way of seeing the land and integrated the infinite into the landscape, assigning it with an unprecedented monumentality.
In the beginning of the 18th century, Bridgeman freed himself from the garden and its limits and worked the park scale; disregarding the symmetry and the obvious contrasts, enhancing the natural shape of trees and bushes. He designed winding paths exploring the land's natural shape, stating that "good taste avoids expenses", and cultivates simplicity.
William Kent (1685-1748) gained awareness of the ideas of the Romantic Movement applied to landscape architecture. The concept of natural beauty inspired the design of Stowe park, which was completed by Lancelot Brown.
Brown (1716-1783) created his own landscapes exploiting the potential of the site, its geomorphologic structure, despite not conforming to it, fostering harmony inspired on sophisticated simplicity.
The logic found in Brown's landscapes resembled the territorial master plan.
Brown's pioneer work inspired Humphry Repton (1752-1818), not only in the practical field, where he produced a wide range of masterpieces that are still admired today, but also in the structured thought he left in his writings which contributed to the English Landscape School.
Repton designed the landscape on a global scale. He brought together usefulness and natural beauty and combined agricultural areas, woods and pastures with the ideal landscape architectural.
When Brown's works were classified in the printing media at the time as "monotonous" by those who did not understand the sublime aesthetics of his minimal simplicity, Repton advocated Brown's ideas, who had already deceased, whilst revealing sensibility and capacity to understand the work of the great master Brown, all the while seeing himself as Brown's disciple.
Until the 19th century, parks belonged to large private estates. Only in the mid-19th century did urban public parks begin to emerge as part of the urban setting. However, urban parks originated from ideas about landscape that stirred up the European culture in the preceding centuries.
The industrial city developed a new awareness of the social organisation of space, impelled by hygienic and sanitation movements. This awareness was determinant in the decision to create urban parks from square one, as part of planning new quarters. The first urban park, designed and built as such, was Victoria Park, in London. It was designed by James Pennethorne (1801-1871), was built in 1841, and emerged as a means of alleviating problems arising in congested city areas.
Paxton (1803-1865) achieved better results when he designed Birkenhead Park, the second urban park, near Liverpool. Besides being an eclectic landscape architect, somewhat influenced by the picturesque decadent styles, but sensitive to the virtues of Repton's landscape gardening, Paxton was also a remarkable engineer and architect, the author of the famous Crystal Palace for the 1851 world exhibition in London.
Prince Hermann von Pückler (1785-1871), who greatly admired Repton and was very familiar with his work, became one of the most brilliant and inventive landscape architects. His notable works include the Branitz and Muskau parks, where the aesthetics of the landscape are taken to their limit. These are two of the world's most beautiful and sublime works of landscape architecture.
Regarding the concept of landscape, Pückler believes that (...) The work's creative force must be recognized in all the details (...)
A park and a garden are two very distinct entities: the fact that these differences are almost never properly noted is, possibly, one of the main errors underlying landscape planning and projects (...) The park should contain an expression of wild nature and of the landscape in itself.
The work of Alphand (1817-1891) is based on the grand plan to renovate Paris. Under Haussmann's supervision (1809-1891), Alphand was responsible for the promenades publiques, designed as a system that included the forest park at its end.
His thoughts were marked by his iconoclastic disposition and reveal that he did not understand Le Nôtre's landscape discovery.
In his work L'Art des Jardins, he made a detailed reference to Pückler and Olmsted's work but, curiously, omitted Repton.
Nevertheless, Alphand's work is closely linked to major urbanism and engineering innovations, particularly sanitation developments. The design of his parks and gardens followed a stylized, almost graphic model, which results from the stereotyped design pertaining to the so-called parcs anglais.
In 1851, the city of New York decided to acquire about three hundred and forty hectares of land to build an urban park in the centre of Manhattan Island. The project was assigned to Frederick Law Olmsted (1822-1903) and Calvert Vaux (1824- 1895).
Olmsted studied in the English Landscape

A fruição do Parque é um ato de pura liberdade, não tem qualquer propósito que não seja o prazer inocente de estar no mundo sem programação, sem deveres ou compromissos.

Enjoying the Park is an act of pure freedom, with no purpose but the innocent delight of being in the world with no scheduling, obligations or commitments.

dins obedece a um modelo estilizado, quase gráfico, que decorre do design estereotipado do que ficou designado por parcs anglais. Em 1851, a cidade de Nova York decide adquirir cerca de trezentos e quarenta hectares de terrenos para a construção de um parque urbano no centro da ilha de Manhattan e confia o projeto a Frederick Law Olmsted (1822-1903) e Calvert Vaux (1824-1895). Olmsted foi um estudioso da Escola Paisagista Inglesa, e observou in loco os seus parques. Foi particularmente influenciado pela visita que fez ao Birkenhead Park, cujo modelo de integração urbana é paradigmático e consolida a utilização de parques como elementos de composição urbanística planificada. O valor plástico e funcional do Central Park faz com que hoje, volvidos cerca de 150 anos, a sua conceção se mantenha exemplarmente atual, com um notável poder de sobrevivência. É surpreendente o rigor de escala da sua rede viária de atravessamento, dimensionada antes da era do automóvel e perfeitamente ajustada aos fluxos do tráfego contemporâneo. As redes de circulação de peões, cavaleiros e o trânsito citadino de atravessamento são desnivelados. O desenho fechado e circunscrito das clareiras marca a compartimentação deste parque de inspiração campestre. Charles Eliot (1859-1897), a quem se deve a fundação do primeiro curso de arquitetura paisagista de nível universitário, refere nos seus escritos que "a praça é um local para decoração, monumentos, canteiros ajardinados. O parque deve manter-se livre destes elementos urbanos. De facto, se a paisagem do parque não for preservada destes gestos decorativos, ou se os trabalhos que tornam possível a fruição dessa paisagem pelos visitantes sem danificá-la não forem concebidos com uma sensibilidade extrema à expressão e ao espírito do sítio, a principal utilidade e o propósito fundamental do parque são gorados".
Os parques públicos projetados por Jens Jensen (1860-1951), como o Columbus Park em Chicago, assim como os seus escritos sobre arquitetura paisagista, constituem um contributo de mérito, nem sempre justamente avaliado e reconhecido. Cultivador do debate, chegando mesmo à polémica, Jensen foi um esteta das paisagens de expressão silvestre, depuradas por um desenho que anula a inquietação disfuncional do espaço selvagem, para evidenciar uma harmonia e uma beatitude trabalhadas com grandeza sobre os padrões das paisagens naturais. Foi também um dos pioneiros das políticas de conservação de habitats naturais para a protecção da vida selvagem. Começou a equacionar com seriedade os problemas da poluição e os seus efeitos na degradação de recursos como o solo, a água e o meio territorial em geral. Foi um crítico do formalismo geométrico, da linha reta e da ornamentação, que eram, reconheça-se que com algum simplismo, atribuídos ao "jardim francês". Praticou nos seus parques um desenho de paisagem de inspiração orgânica, cultivando "a certain sense of freedom". Depois deste período notável de criatividade, a arquitetura paisagista sofreu uma profunda decadência, que a prestigiada revista Lotus International comenta, afirmando que "in the twentieth century the park grows rusty". De entre os arquitetos paisagistas contemporâneos, merece especial destaque Arthur Edwin Bye (1919-2001) as sua obra é constituída por parques privados e caracteriza-se por um sofisticado desenho de modelação que imprime um delicado encanto minimalista às suas paisagens. Resumidamente, foram estes os principais mestres da arquitetura paisagista que mais influência tiveram na formação do corpo de conhecimentos que serviu de inspiração no processo de conceção do Parque da Cidade do Porto. ■

A paisagem adquire um sentido sacralizante ao ser intuitivamente reconhecida por todos pela presença no Parque sem precisar de justificação ou propósito, no silêncio de uma feliz indiferença. É o espaço de comunhão do mundo, onde não há lugar para angústia ou solidão, é neste sentido que os parques merecem a designação de "catedrais abertas".

The landscape acquires a sacred meaning with its integration in the Park being intuitively acknowledged by all, with no need for justification or purpose, in the silence of a delighted indifference. The park is the world's communion place, where there is no room for distress or loneliness, and thereby Parks should be named "open cathedrals".

School and observed in loco its parks. He was especially influenced by his visit to Birkenhead Park, whose urban integration model is paradigmatic and strengthens the notion that parks should be included in urban development plans. Over 150 years later, Central Park's visual and functional value has remained an example of modernity with notable lasting power. The scale of Central Park's road network is astonishingly accurate, especially as it was designed prior to the automobile era, and is perfectly suited to modern traffic flow. Its pedestrian paths, horse-riding trails and city streets are all at different levels. The enclosed and circumscribed design of its clearings was an innovation and established a style in this park's compartmentalisation inspired by rural settings. Charles Eliot (1859-1897), founder of the first university course in landscape architecture, states in his writings that "the square is the place for decoration, for monuments, for ribbon gardening. The park should be kept free from town-like things. Indeed, if park scenery is not kept free from decorations or if the works which make it possible for the public to enjoy the scenery without harming it are not devised with religious regard to the promptings of the spirit of the place, the highest usefulness and main purpose of the park are frustrated".
The public parks designed by Jens Jensen (1860-1951), such as Columbus Park in Chicago as well as his writings about landscape architecture, are a valuable contribution, which has not always been justly evaluated or recognised. Jensen loved debates, at times to the point of controversy. He was an aesthete of wild landscapes purified by drawings that filtered out the dysfunctional restlessness of wilderness. His drawings were a masterly unveiling of the harmony and beatitude of natural landscapes. Jensen was also one of the pioneers of conservation policies for natural habitats for the protection of wildlife. He began to seriously equate the problems of pollution and its effects on the deterioration of resources such as soil, water and the environment in general. He was a critic of geometric formalism, of straight lines and ornamentation that were somewhat simplistically attributed to the "French garden."

O belo paisagístico é intemporal.

The landscape beauty is timeless.

The landscape of his parks was designed based on an organic inspiration whereby he cultivated "a certain sense of freedom." After this notable period of creativity, landscape architecture fell into a deep decadence and this led the prestigious magazine Lotus International to state that "in the twentieth century the park grows rusty." Among contemporary landscape architects, Arthur Edwin Bye (1919-2001) also deserves to be highlighted for his sophisticated design, in his private parks, that brings out a delicate minimalist enchantment to his landscapes. In summary, these were the main masters of landscape architecture and the most influential in forming the body of knowledge from which inspiration was drawn and to which comparison was made in the process of designing the Porto City Park. ■

Obras de referência da arquitetura paisagista

Landscape architecture reference works

- **Vaux-le-Vicomte** → André Le Nôtre, 1656
- **Stourhead Gardens** → Henry Hoare II, 1741 – 1780
- **Blenheim Park** → Lancelot 'Capability' Brown, 1764 – 1774
- **Stowe Landscape Garden** → Lancelot Brown, William Kent, séc. XVIII 18th century
- **Sheringham Park** → Humphry Repton*, 1812
- **Birkenhead Park** → Joseph Paxton, 1847
- **Branitzer Park** → Hermann Von Pückler, 1845
- **Muskau Park** → Hermann Von Pückler, 1815
- **Sanssouci Gardens** → Lenné, 1745
- **Bois de Boulogne** → Jean-Charles Alphand, 1850
- **Central Park** → Frederick Law Olmsted, Calvert Vaux, 1858
- **Prospect Park** → Frederick Law Olmsted, Calvert Vaux, 1867

- **Garfield Park** + **Humboldt Park** + **Douglas Park** + **Columbus Park** → Jens Jensen, inícios do século XX early 20th century
- **Blue Ridge Parkway** → Stanley Abbott, 1936
- **Residência George Soros** → Edwin Bye, 1965
- **Paley Park** → Lawrence Halprin, 1967
- **Greenacre Park** → Sasaki, 1971
- **Aterro do Flamengo** + **Eixo Monumental de Brasilia** → Roberto Burle Marx, anos 60, século XX 1960s, 20th century

—

- **Parque da Cidade do Porto** → Sidónio Pardal,1984 (projeto project), 1991 (obra work)

* Em 1803 Humphry Repton publica o notável tratado "Observations on the Theory and Practice of Landscape Gardening". In 1803 Humphry Repton publishes the remarkable treaty "Observations on the Theory and Practice of Landscape Gardening".

SIDÓNIO COSTA PARDAL

CURRICULUM VITAE
Arquiteto paisagista, urbanista e engenheiro agrónomo, doutorado com uma tese onde trás para a linguagem do planeamento do território a lógica e o rigor dos conceitos da topologia. Professor da Universidade de Lisboa, onde desde 1976, desenvolve uma atividade de docência e investigação.
Foi discípulo do Professor Costa Lobo, do Professor António Azevedo Gomes e mantem uma estreita relação de estudo com o Professor Lynn Miller e James DeTuerk ambos da Penn State University.
É autor de obras como o Parque da Cidade do Porto, distinguido pela Ordem dos Engenheiros, em 2001, como uma das "100 Obras de Engenharia Civil do Século XX – Portugal", o Parque da Cidade de Almada, o Passeio Marítimo de Oeiras, o Parque Oriental da Cidade do Porto, a Regeneração da Frente Ribeirinha de Alcochete, os Espaços Exteriores do Aeroporto Sá Carneiro, os espaços exteriores da Expo98 – Plano de pormenor PP4, Parque Urbano de Ovar, Parque do Rio UI em S. João da Madeira, entre outras.
Tem publicada extensa obra sobre a teoria e prática do urbanismo, onde se destacam "A Apropriação do Território" (2006), "Parque da Cidade do Porto – Ideia e Paisagem" (2006), premiado pela American Society of Landscape Architects em 2006 e "Normas Urbanísticas" (volumes I, II, III e IV, de 1990 a 2000), "Apropriação do Território" (2006), editado pela Ordem dos Engenheiros, "Planeamento do Espaço Rustico", editado pela Associação Nacional de Municípios, entre outros.
Em 1995, William Thompson, na Landscape Architecture Magazine Vol 85 n.º10, dedicado à Europa, destaca o Parque da Cidade do Porto no artigo sob o título "Transplanting Traditions".
Em 1995, a convite do Ministro Professor Sousa Franco, coordenou, no Ministério das Finanças, o Sub-Grupo de Trabalho para a revisão da Tributação do Património Imobiliário.
Em 2011 foi homenageado pela Câmara Municipal de Almada com uma exposição intitulada "Sidónio Pardal. Urbanismo e Paisagem".
Em 2014 foi convidado pelo Royal Institution of Chartered Surveyors (RICS) Portugal como conferencista.

Para informação adicional, poderá ser consultado o website www.sidoniopardal.com

CURRICULUM VITAE
Landscape architect, urban planner and agricultural engineer, author of a doctorate thesis in which he introduces the logic and rigour of the topology concepts into the language of territorial planning. Professor at the University of Lisbon, where he has been teaching and researching since 1976.
He was a disciple of Professor Costa Lobo and Professor António Azevedo Gomes and maintains a close study relationship with Professor Lynn Miller and James DeTuerk, both of Penn State University.
He is the author of works such as Porto City Park, distinguished by the Order of Engineers, in 2001, as one of the "100 Works of Civil Engineering of the 20th Century – Portugal", Almada City Park, Oeiras Maritime Promenade, the Porto East City Park, the Rehabilitation of the Alcochete Waterfront, the Outdoor Spaces of Sá Carneiro Airport, the outdoor spaces of Expo98 – Detail Plan PP4, the Urban Park in Ovar, The Urban Park River UI in S. João da Madeira, among others.
He has published extensive work on the theory and practice of urban planning such as "A Apropriação do Território" (2006), "Parque da Cidade do Porto-Ideia e Paisagem"(2006), awarded by the American Society of Landscape Architects in 2006 and "Normas Urbanísticas" (volumes I, II, III and IV, from 1990 to 2000), "A Apropriação do Território" (2006), edited by the Order of Engineers, "Planeamento do Espaço Rustico", edited by the National Association of Municipalities, among others.
In 1995, William Thompson, in Landscape Architecture Magazine, highlights the Porto City Park in the article entitled "Transplanting Traditions" in the October issue dedicated to Europe.
In 1995, he was invited by Minister and Professor Sousa Franco to coordinate the sub-group working on the review of Taxation of Real Estate Assets, at the Ministry of Finance.
In 2011, he was honoured by the City Council of Almada with an exhibition entitled "Sidónio Pardal. Urbanismo e Paisagem"
In 2014 he was invited by the Royal Institution of Chartered Surveyors (RICS) Portugal as a lecturer.

For further information, please consult the following website www.sidoniopardal.com

Esta brochura foi produzida no âmbito da exposição "O Parque da Cidade", a decorrer entre 06 de dezembro de 2016 e 21 de janeiro de 2017, intregrada no Porto Innovation Hub. Os textos baseiam-se no livro "Parque da Cidade – Ideia e Paisagem" de Sidónio Pardal, editado pela Câmara Municipal do Porto, 1.ª edição, 2006.
This gazette was produced in the framework of the exhibition "City Park", taking place from December 6th 2016 to January 21st 2017, integrated in the Porto Innovation Hub. The texts are based on the book "Parque da Cidade – Ideia e Paisagem" by Sidónio Pardal, published by Porto City Council, 1st Edition, 2006.

EXPOSIÇÃO EXHIBITION
EQUIPA TEAM

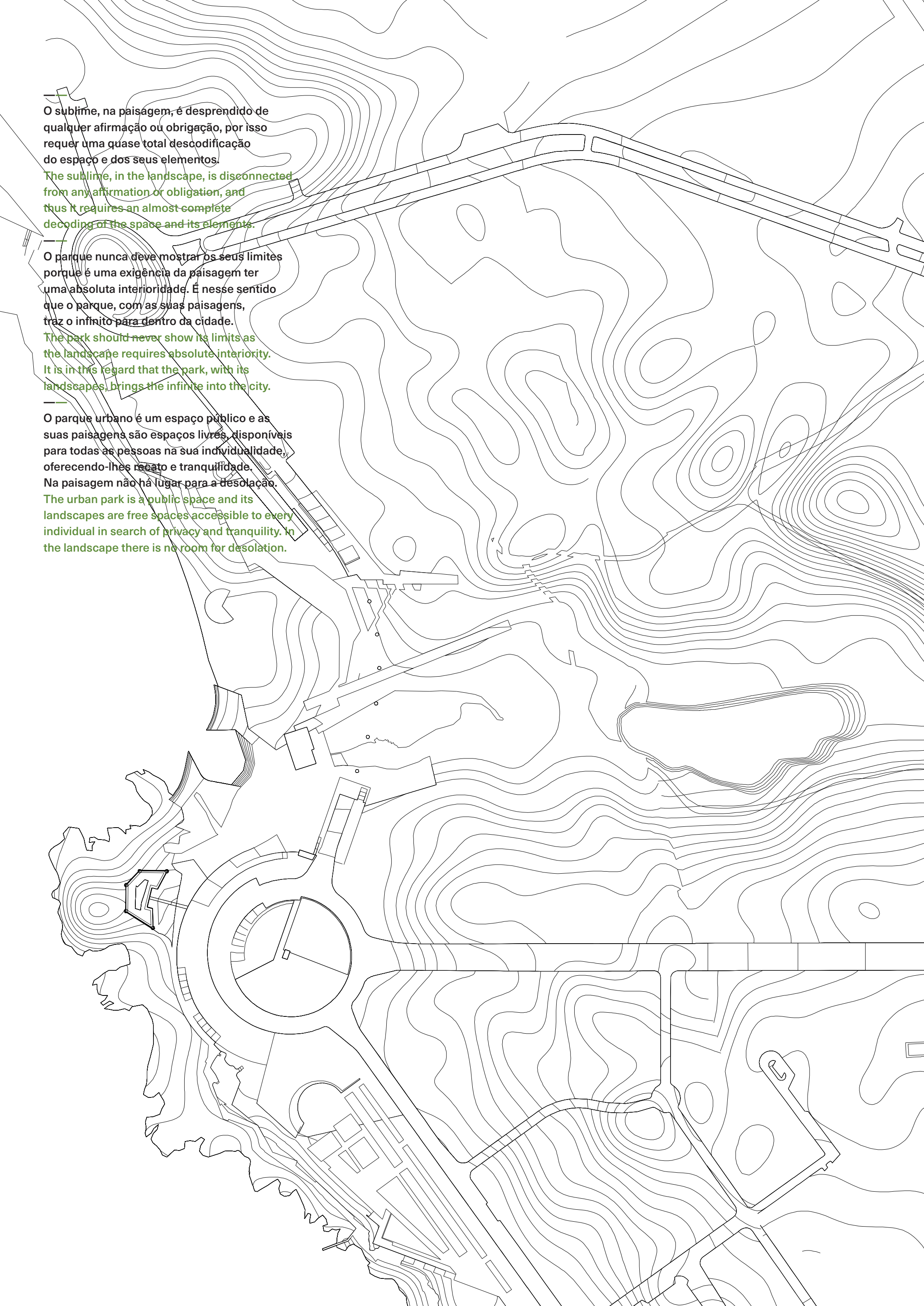
Coordenação editorial Editorial coordination
Câmara Municipal do Porto
Coordenação editorial Editorial coordination
Filipe Araújo
Vereador do Pelouro da Inovação e Ambiente
City councillor for innovation and environment
Produção Production
Associação Porto Digital
Porto Digital Association
Coordenação Executiva Executive coordination
Paulo Calçada
Coordenação Geral General Coordination
Professor Sidónio Pardal
+
Divisão Municipal de Parques Urbanos
Eng.ª Liliana Ferreira

Andreia Faria / Produção Production
A.Cruz Design Studio / Design Design
Catarina Pires / Conteúdos Contents
Clássica Artes Gráficas / Impressão Print
Cristina Taveira / Coordenação de operações Operational coordination
FAHR 021.3 / Arquitetura Architecture
Flymedia / Apoio multimedia Multimedia Support
GEMA / Audiovisuais Audiovisuals
Joana Leite / Comunicação Communication
Joana Silva / Guia Guide
João Cortesão / Conteúdos Contents
João Salcedo / Sonoplastia Soundtrack
Margarida Campolargo / Programação e conteúdos Programme and contents
Opo Lab / Cartografia Digital Digital Cartography
Pedro Figueiredo / Fotografia Photography
Revisitar Produções Audiovisuais / Video Video

CONTACTOS CONTACTS

Câmara Municipal do Porto
Porto City Hall
Praça General Humberto Delgado
4049 - 001 Porto
—
t. (351) 222 097 000
pelouro.ia@cm-porto.pt
—
portoinnovationhub.pt

Porto.



—

O sublime, na paisagem, é desprendido de qualquer afirmação ou obrigação, por isso requer uma quase total descodificação do espaço e dos seus elementos.

The sublime, in the landscape, is disconnected from any affirmation or obligation, and thus it requires an almost complete decoding of the space and its elements.

—

O parque nunca deve mostrar os seus limites porque é uma exigência da paisagem ter uma absoluta interioridade. É nesse sentido que o parque, com as suas paisagens, traz o infinito para dentro da cidade.

The park should never show its limits as the landscape requires absolute interiority. It is in this regard that the park, with its landscapes, brings the infinite into the city.

—

O parque urbano é um espaço público e as suas paisagens são espaços livres, disponíveis para todas as pessoas na sua individualidade, oferecendo-lhes recato e tranquilidade. Na paisagem não há lugar para a desolação.

The urban park is a public space and its landscapes are free spaces accessible to every individual in search of privacy and tranquility. In the landscape there is no room for desolation.